



Crônica da Cidade

MARIA LÚCIA VERDI | maluverdi99@gmail.com

Brasiliense no morro

Conheci Cleuza quando acompanhei uma amiga cineasta à Rocinha. Brasiliense, lendo e ouvindo tudo o que se diz sobre aquela enorme favela, não resisti ao convite da amiga cineasta Maria Augusta Ramos. Fazia trinta anos que não andava de moto, o que só fizera uma vez. Subir e descer aquelas ruas agarrada aos motoristas foi o primeiro desafio. Nada comparável, no entanto, com o caminhar naquelas vielas imundas, estreitas, sem ar ou luz, esgoto ao céu aberto, lixo e ratos por todo lado. Não podia acreditar que seres humanos faziam aquele percurso

todos os dias, era como atravessar um inferno dantesco.

Quando finalmente chegamos à — como nomear? espaço, casa, local? —, sim, à casa de Cleuza, depois de um longo percurso de sobes e desces intermináveis, nos esperava um espaço impecavelmente limpo. Nos sentamos no pequeno sofá e a dona da casa nos ofereceu um bolo recém feito, delicioso, acompanhado de guaraná. A filha já chegaria com a avó, estava na festa junina da escola. A menina era o objetivo da visita, entrevistá-la para uma eventual participação em um documentário.

Enquanto a aguardávamos, Cleuza nos contou que morava há pouco na Rocinha, que precisou mudar-se depois que o marido a abandonou quando soube de seu câncer de mama. “Quero muito tirar minha mãe desse lugar o quanto antes,

ela já está com setenta anos”. Imaginei a mãe subindo e descendo por aquelas vielas com uma menina de sete anos pela mão, vendo, além de toda a sujeira, homens armados, em prontidão.

Não demoraram a chegar, a avó e a neta. A menina, uma belezinha, alegre vestidinho junino, duas tranças grossas, um rosto meigo, triste. Contou-nos a avó — mulher forte, tipo indígena, falante — que Clarinha estava triste porque havia perdido o salto da bota, caminhara com dificuldade.

Enquanto minha amiga conversava com Clarinha, puxei conversa com a Cleuza. Uma mulher aparentemente tranquila, que aceitava o desafio da doença e até compreendia o marido tê-la deixado por outra “mais saudável”. Dizia estar bem, ter confiança no tratamento, mas entendia o temor do marido:

“Homem é fraco, né?” Trabalhava como manicure, ganhava pouco, o Bolsa Família ajudava e sua mãe passava roupa três vezes por semana. Assim, iam levando.

Comentei o quanto era bem cuidado o seu espaço. “É, se a gente consegue esquecer o que está a volta. Não é fácil... a gente precisa treinar”, disse sorrindo. Se preocupava muito com o problema da droga por todos os lados e a segurança da filha. Precisava conseguir sair dali, pelo menos descer para alguma rua mais perto da pista. Tinha esperança no Minha Casa, Minha Vida, estava aguardando ser chamada.

Ainda não sabia como iria ser a questão dos deslocamentos, a Rocinha é ruim mas há escola perto e atividades complementares, Clarinha fazia teatro e natação, a mãe trabalhava na pista. Dariam um jeito. Era urgente estarem num lugar pe-

rigoso, sem esgoto ao aberto, lixo acumulado e porcos funcionando como meio de limpeza. Tinha fé e, “Como diz aquela música bonita, ‘A fé não costuma falhar’”.

Enquanto saíamos daquele pequeno oásis e refazíamos a travessia, eu revia o rosto de Clarinha, preocupada por trazer uma despesa extra para a mãe. O rosto forte da guerreira mãe de Cleuza, os desafios de sua ancestralidade marcados na cara, o rosto doce de Cleuza, movida por uma fé que a fazia aceitar a situação e a doença com coragem.

No caminho para casa via a quantidade de pessoas em situação de rua, aqui como em todas as capitais do Brasil. Bem mais carentes do que Cleuza e sua família. Três gerações de brasileiras lutadoras. Meu coração com elas. Será que a fé não vai falhar, me perguntava engolindo saliva.

CHUVAS / Com 48 mil ocorrências entre janeiro e outubro de 2024, o aumento foi de 18,7% em relação ao mesmo período do ano passado. DF enfrenta riscos de acidentes e danos materiais, agravados por altas temperaturas e tempestades intensas

Incidência de raios cresce no DF

» GIOVANNA SFAL SIN*

O número de raios que atingem o Distrito Federal tem crescido, com um aumento de 18,7% em relação ao ano passado. De acordo com dados do Grupo de Eletricidade Atmosférica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (ELAT/INPE), entre janeiro e outubro deste ano foram registrados 48.461 raios, enquanto no mesmo período de 2023, o número total foi de 40.818. Esse fenômeno é influenciado pelas condições climáticas da capital, especialmente durante a primavera e o verão.

Raios e relâmpagos, embora muitas vezes utilizados como sinônimos, possuem distinções importantes. Segundo o ELAT, relâmpagos são descargas elétricas que ocorrem dentro das nuvens de tempestade, enquanto raios são as descargas que atingem o solo. Os raios podem ser de dois tipos principais: ascendentes, quando começam no solo e sobem em direção à tempestade, e descendentes, quando saem da nuvem em direção ao solo.

Eles percorrem distâncias de até 5 km e podem atingir uma intensidade de 30 mil Ampères, cerca de mil vezes a intensidade de um chuvião elétrico comum. Já o som do trovão ocorre quando o ar ao redor do raio é aquecido rapidamente, causando expansão e uma onda sonora. Apesar de o som em si não representar perigo,

Ed Alves/CB



Fenômeno é influenciado pelas condições climáticas da capital, especialmente, na primavera e no verão

o deslocamento de ar próximo a ele pode ser violento o suficiente para derrubar uma pessoa e, em casos extremos, resultar em ferimentos graves.

Embora a chance de uma pessoa ser diretamente atingida seja baixa — estimada em menos de 1 para 1 milhão — essa probabilidade aumenta em áreas descarpadas e durante tempestades intensas. Mas não é a incidência direta do raio a maior causadora de

mortes e ferimentos. Geralmente, são os efeitos indiretos ou efeitos secundários que trazem risco, como estar em campos descobertos ou perto de objetos que conduzem eletricidade.

Os riscos associados vão desde queimaduras até paradas cardíacas e respiratórias, podendo deixar sobreviventes com sequelas psicológicas e físicas duradouras. Também podem provocar incêndios, quedas de energia

e danificar sistemas elétricos e eletrônicos.

Incidência

As altas temperaturas e umidade características do Distrito Federal nos meses de primavera e verão contribuem para a formação de nuvens de tempestade, onde as descargas elétricas ocorrem. O atrito entre partículas de gelo dentro dessas nuvens gera

Memória

» **Dezembro de 2022:** em 18/12/2022, por volta das 13h50, quatro pessoas que estavam no acampamento de manifestantes bolivarianistas na Praça dos Cristais foram atingidas por uma descarga elétrica após um raio cair na tenda onde estavam. Chovia no momento. Apenas uma mulher de 45 anos precisou ser levada ao hospital, apresentando dormência nas pernas, queimação no braço direito, hipertensão e sinais vitais alterados.

» **Dezembro de 2023:** em 19/12/2023, um homem de 43 anos foi levado ao hospital após ser atingido por um raio no assentamento Nova Jerusalém, em Samambaia, no Distrito Federal. Ele estava fechando o portão de casa quando um raio caiu próximo e o afetou indiretamente. Encontrado consciente, desorientado e com hipertensão, ele foi socorrido pelos bombeiros e encaminhado ao hospital. Chovia no momento do incidente.

» **Novembro de 2024:** em 06/11/2024, um raio atingiu os trilhos da Companhia do Metrô do Distrito Federal (Metrô-DF), afetando a circulação do transporte na região do Guará. A descarga elétrica atingiu o terceiro trilho — utilizado para movimentação dos trens — e provocou fumaça em um dos vagões na estação Guará. Ninguém se feriu no incidente.

Wallace Martins/Esp. CB/D.A. Press



Estão previstas, para o dia, nuvens carregadas e possíveis pancadas de chuva e trovoadas na região

Chuvas acima do esperado

» DARCIANNE DIOGO

O volume de chuvas, no DF, 15 dias antes do fim de novembro, ultrapassou a média esperada para o mês. Até a manhã de ontem, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) havia registrado um total de 263 mm de precipitações na região, 3% a mais que o previsto (523,1 mm).

No mesmo dia, o Inmet publicou em seu site dois avisos com informações pluviométricas que incluíam a manhã de hoje. O primeiro comunicado — com alerta amarelo — indicava chuvas entre 20 e 30 mm/h ou até 50 mm/dia, além de ventos intensos (com velocidades entre 40 e 60 km/h). A situação,

de acordo com o órgão, porém, apontava baixos riscos de cortes na rede elétrica assim com poucas ameaças de quedas de galhos de árvores, de alagamentos e de raios.

A segunda mensagem do instituto, entretanto, mudava o cenário: chuvas com maior intensidade — entre 30 e 60 mm/h ou 50 e 100 mm/dia — acompanhadas de ventos fortes (60 a 100 km/h), inundações e descargas elétricas em maior quantidade.

“Choveu bem em outubro e está chovendo bem, também, em novembro. Claro que a chuva pode atrapalhar algumas programações do dia a dia, mas ela reabastece o lençol freático e repõe rios e reservatórios. Dá um

Distrito Federal se deve a alguns fatores específicos. “A localização geográfica do DF faz com que a região se torne uma área de passagem de tempestades originadas na Amazônia, que se deslocam em direção ao Sudeste. Além disso, as altas temperaturas contribuem para a formação de tempestades intensas”, aponta.

* **Estagiária sob a supervisão de Eduardo Pinho**

alívio a nós, que viemos de uma seca de cinco meses, em que estávamos preocupados com um possível racionamento. E ajudou a reduzir o preço da energia, que ficou cara por haver menos precipitações, prejudicando as hidroelétricas”, explicou Olívio Bahia, meteorologista do Inmet. Ele acrescentou que os brasilienses terão mais aguaceiros no final do ano: “Dezembro é, climaticamente, o nosso segundo mês mais chuvoso. A média fica em torno de 241,1 mm.”

Para hoje, a temperatura mínima deverá ser 18°C e a máxima, 25°C. O céu ficará encoberto, com nuvens carregadas que poderão trazer pancadas de chuva e trovoadas.

Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos em 15 de novembro de 2024

» Campo da Esperança

Alexsandro dos Santos Pacheco, 53 anos
Antônio Govêia Alves, 57 anos
Carlos Messias de Azevêdo, 78 anos
João Caetano Mota Barbosa, menos de um ano
João Santiago do Nascimento, 48 anos
Lídia Maria de Oliveira, 82 anos

Maria Helena Yamamoto, 78 anos
Maria Leotêia da Silva, 79 anos
Ronaldo Alves de Souza, 64 anos

» Taguatinga

Adão Rodrigues do Nascimento, 45 anos
Airtton Frota Vieira da Rocha, 73 anos
Amely Santos Souza, menos de um ano

André Aryer Rios Lopes, 30 anos
Francisco da Chaga Beserra, 64 anos

Gilzira Mendes da Silva, 85 anos
Lorrany Silva de Araújo, 22 anos
Matheus Passos Bezerra, 31 anos
Nicolas Henrique Oliveira Ferreira, menos de um ano
Valdemir Marques da Silva, 75 anos

Vanderlino Ferreira dos Santos, 50 anos

» Gama

Nilza de Souza Oliveira, 84 anos
Tainara Gonçalves de Oliveira, 34 anos

» Planaltina

Antônio Sousa de Oliveira, 61 anos
José da Aparecida da Costa

Tavares, 60 anos
José Pereira dos Santos, 90 anos
Maria Advas de Oliveira, 85 anos
Maria Midori Takagi, 61 anos

» Sobradinho

Genilton Joaquina Cosmo, 71 anos

» Jardim Metropolitano

Nerivane Araújo de Oliveira, 53 anos

Analy Karine Pereira de Araújo do Amaral, 27 anos
Gabriela Thiane Vitorino de Araújo do Amaral, 34 anos
Maria de Fátima Sigismundi, 71 anos
Sebastião Monteiro do Espírito Santo, 68 anos
Marconni Sobreira, 64 anos
(Cremação)